

# Ouro e prata em queda: até o porto-seguro abana

written by Hélder Almeida da Silva | 5 de Fevereiro, 2026

**OCIDADÃO**  
Jornalismo Livre

**CRÓNICA**  
Hélder Almeida da Silva



Já repararam que tratamos o ouro com um respeito quase religioso, como se ele fosse o único adulto na sala quando a economia começa a fazer birra? Durante meses, em 2025 e neste início de 2026, vimos os metais preciosos subir como se tivessem descoberto o segredo da imortalidade financeira. Parecia o “Santo Graal”: o mundo podia estar a arder, mas nós tínhamos uma barra de ouro no cofre para servir de extintor. Mas, como diz o povo, não há festa que sempre dure sem que alguém acenda as luzes e peça a conta. Será que o porto-seguro decidiu ir a banhos ou foi a economia moderna que o empurrou da prancha?

Vamos ao que interessa: o rali extraordinário que vivemos recentemente virou uma autêntica sessão de Carnaval, mas daquelas em que tiramos a máscara e percebemos que a realidade

é um pouco menos glamorosa. Muitos investidores andavam a olhar para o gráfico do ouro como quem descobre um atalho secreto para a fonte da juventude. O problema é que o “atalho” revelou ser uma encosta escorregadia com gelo por baixo.

E não, não foi uma conspiração global de vilões de James Bond. A queda tem nomes bem menos excitantes: fortalecimento do dólar e políticas monetárias mais rígidas. Segundo a Reuters, o ouro desceu de quase \$5.600 para \$4.880 num só dia. É a velha história, parece que até o ouro tem de obedecer às ordens do “chefe” (que, neste caso, continua a ser o dólar americano). Quando o Tio Sam decide que o dólar deve ser forte e as taxas de juro devem ficar “lá no alto”, os activos que não pagam juros, como as nossas queridas barras de ouro, e nossas é infelizmente uma força de expressão, perdem o sex-appeal.

É como escolher entre um amigo brilhante mas calado e outro que, além de boa conversa, ainda nos paga juros todos os meses. Adivinhem quem ganha?

No caso da prata, a coisa foi ainda mais dramática. A prata é a “prima instável” do ouro. Tem um pé na joalheria e outro na indústria (olá, robótica e painéis solares!). Esta volatilidade recorde dá dores de cabeça a qualquer gestor financeiro. Ver o preço da prata oscilar num só dia é como olhar para um quadro abstrato do Picasso enquanto se anda de montanha-russa. Alguns vêem arte, outros só ficam com vontade de vomitar.

Mas o que é que isto nos diz realmente? Muitos analistas, daquelas revistas que custam o preço de um pneu largo, dizem que isto é apenas uma “pausa saudável” após um rali exagerado. No mundo das empresas, sabemos bem o que isso é: às vezes, os picos de produtividade são apenas cansaço acumulado à espera de uma correção. É o mercado a respirar fundo para não hiperventilar.

“E o que é que a minha PME tem a ver com o preço da onça em Nova Iorque?”, perguntam vocês enquanto conferem se o fornecedor já enviou a factura. Mais do que parece! Se a sua empresa está exposta a matérias-primas ou importações, um dólar forte é uma faca de dois gumes. Por um lado, a queda de algumas commodities pode significar matérias-primas mais baratas, o que é música para os ouvidos dos departamentos de compras. Por outro, um dólar “em esteroides” encarece tudo o que compramos fora da zona euro. É aquele equilíbrio clássico: poupamos no material, mas perdemos no câmbio. É como ganhar um desconto de 20% num produto e depois descobrir que os portes de envio custam o dobro.

Para quem usa o ouro como reserva de valor ou investimento, fica o lembrete: a volatilidade não escolhe marcas. Ver o “activo mais seguro do mundo” dar um mergulho destes é quase tão desconfortável como ver o ERP bloquear às 17h30 de uma sexta-feira, quando ainda temos facturas por emitir. Lembra-nos que nenhuma folha de cálculo, por mais impecável que seja, está livre de levar uma cotovelada do mercado quando o mundo decide mudar de humor.

No fundo, esta queda do ouro e da prata é um banho de humildade para todos. Nem o que a humanidade venera há milénios escapa às tempestades de Wall Street ou aos caprichos dos bancos centrais. Para uma PME portuguesa de bom senso, isto não é um sinal para vender as joias da família e comprar criptomoedas ou queijo da Serra (embora o queijo seja sempre um investimento seguro para o estômago). É um lembrete de que os mercados são como as marés: confundem quem acha que percebe tudo à primeira vista.

O desafio, é gerir o negócio com a cabeça no lugar e um sorriso no rosto, mesmo quando a prata decide fazer um mergulho de Carnaval. Num mundo cheio de estrelas cadentes e metais que perdem o brilho, o que realmente conta não é prever o próximo pico de preço, mas ter a resiliência necessária para continuar a remar, com ou sem ouro no bolso. Afinal de contas,

no fim do dia, o activo mais valioso da sua empresa não está no cofre, está na capacidade de não enjoar enquanto o barco balança.